

## DOCUMENTOS

### Análise do Projeto do Currículo Mínimo do Curso de Letras, Solicitada pelo Sr. Secretário Executivo do Conselho Federal de Educação ao Departamento de Letras Vernáculas da U.F.C.

O Projeto do Currículo Mínimo de Letras que, no momento, se submete à apreciação do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará apresenta aspectos negativos e positivos com uma visível preponderância daqueles sobre estes.

*Aspectos negativos:*

*Objetivos:* São estes mal definidos e discrepantes. No segmento referente à Língua Portuguesa afirma-se que “a finalidade fundamental do curso de Letras é o ensino da Língua Vernácula”. Quando, no entanto, se justifica a introdução da Filosofia e Sociologia no Currículo de Letras argumenta-se: “objetiva-se com o ensino de Letras a criação do gosto artístico e a aquisição de uma visão crítica do fenômeno literário”. Em nenhuma parte da proposta, há um objetivo geral referente à formação do profissional de Letras em face de seu mercado de trabalho. Com os objetivos estipulados no projeto proposto, o Curso de Letras se transformará numa espécie de Oficina Literária e de maneira nenhuma ajustará “o ensino de Letras à real conjuntura nacional”, ficando muito mais a impressão de uma *intenção uniformizadora do ensino* do que propriamente uma *preocupação com preservar as peculiaridades regionais*.

*Metodologia:* Em princípio, não é má a idéia de “executar o ensino mediante a leitura sistemática, séria e profunda, dos grandes textos literários”. Também não é má a defesa de que “o aprendizado das línguas — materna e estrangeiras — deve ser conduzido primordialmente através de uma análise sistemática e profunda das formas e usos efetivos da língua, desde a conservação face a face até os estilos das obras literárias e o discurso altamente abs-

trato das ciências, para em seguida analisarem-se criticamente as normas prescritas pelas gramáticas e as descrições, conceitos e modelos existentes nas teorias lingüísticas". Somos da opinião de que o estudo dos diversos estilos nas modalidades da língua escrita e falada é muito louvável em si, mas é impraticável em face da inexistência de "bancos de dados" da língua falada. A criação dos "bancos de dados" é uma idéia recente em nosso país, que somente agora e aos poucos começa a concretizar-se.

A conseqüência da metodologia proposta será a assistemização e esfacelamento de todo um conteúdo teórico essencial à formação do futuro professor. Em função do texto, esse conteúdo será exposto de forma incidental, não propiciando ao aluno uma visão completa e geral de aspectos gramaticais fundamentais ao exercício da profissão. Sabemos, por informação dos Professores de Prática de Ensino do Português, que os alunos se mostram incapazes de elaborar um plano de curso ou de unidade e essa incapacidade só pode ser atribuída a uma insuficiência teórica.

A experiência vivenciada no dia-a-dia da UFC tem-nos ensinado que as teorias gramaticais e lingüísticas são fundamentais na formação do professor da Língua Portuguesa. Não podem elas ser minimizadas em função de uma metodologia que supervaloriza o texto e o fenômeno literário, embora compreendamos que o estudo da língua não pode fazer-se independentemente do de sua literatura, mas não concordamos que se privilegiem, no caso, uma ou mais disciplinas em detrimento de uma disciplina, relegada, no projeto, a plano secundário, como a Literatura Portuguesa, de que falaremos em tópico especial.

#### *Aspectos positivos:*

São pouquíssimos. Entre eles, ressaltemos o que está anunciado no seguinte trecho: "o ensino do vernáculo será feito obrigatoriamente nos 8 (oito) semestres dos cursos de Letras, coroado pelo estudo do Português do Brasil." Uma reformulação do atual Currículo de Letras, vigente na UFC, deverá, portanto, elevar de seis para oito o número de disciplinas referentes ao ensino vernáculo. Uma das disciplinas a serem acrescidas deverá contemplar e favorecer o "Estudo do Português do Brasil", pois, para tanto, contamos com muitas obras especializadas.

Passemos, agora, à análise das quatro partes em que se divide o Projeto, e os respectivos quadros anexos.

## I — CURRÍCULO MÍNIMO

A formulação do currículo mínimo não corresponde integralmente ao que prometia a "introdução": não há como perceber uma adequação "à real conjuntura nacional"; nem especiais incentivos

à interdisciplinaridade e interdepartamentalidade; nem respeito à "diversidade de condições e interesses existentes no Brasil". Da mesma maneira, não transparecem modos de "fornecer ao discente a capacidade de raciocinar e expressar-se eficazmente".

Ao contrário, evidencia-se, no CM, a mesma inorganicidade apontada nos elementos expostos na introdução.

A estrutura do CM não prevê mecanismos de renovação tais como a possibilidade de que disciplinas sejam criadas ou extintas, segundo as necessidades de atualização; é composto por um elenco rígido de disciplinas que privilegiam a retransmissão do saber livre e o culto à herança cultural cristalizada; não propõe integração entre as disciplinas. É, portanto, estático, preponderalmente informativo, passadista, não integrado.

Entre outros problemas mais particularizados, apontamos o fato de Literatura Portuguesa não constar do elemento de disciplinas obrigatórias. Além dos relevantes argumentos apontados pelos docentes do Departamento, que serviriam de base a este documento, ressalta o óbvio de que se uma das habilitações propostas é a de Português e Literaturas de Língua Portuguesa, é imprescindível que Literatura Portuguesa esteja no elenco de disciplinas obrigatórias a essa habilitação.

Apontamos, também duas outras dificuldades que se gerariam a partir da adoção desta proposta curricular a primeira se refere à impossibilidade para a maioria dos cursos de Letras, de concretizar a disciplina Filologia Geral e Crítica Textual, que exige material bibliográfico inexistente mas ainda carentes bibliotecas universitárias; a segunda se refere às dificuldades que enfrentarão muitas instituições — no presente momento da conjuntura nacional em que não parecem possíveis as contratações de pessoal para o magistério — para oferecer as 10 matérias da parte optativa.

Outra questão que deve ser ponderada é a indicação de livros a serem estudados o que se apresenta como desrespeito à autonomia dos Departamentos a quem cabe tal competência.

## II — RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS QUANTO AS MATÉRIAS DO CURRÍCULO MÍNIMO

Antes de mais nada, tais recomendações ainda de ordem metodológica, parecem-nos descabíveis no documento em questão, uma vez que os assuntos versados são de atribuição dos Departamentos. De qualquer modo, impõem-se algumas observações a respeito, o que faremos a seguir.

Com relação à afirmação de que "a finalidade fundamental do Curso de Letras é o ensino da Língua Vernácula" (item 1) (a) discordamos da afirmação uma vez que acreditamos que a finali-

dade maior do Curso de Letras é a de formar profissionais de Letras, sendo, portanto, muito mais abrangente do que meramente o ensino do vernáculo; b) salientamos que tal afirmação não encontra respaldo no projeto de Resolução, uma vez que, conforme o art. 3.º, as habilitações "b" e "c" excluem a Língua Vernácula.

Consideramos, além de descabida, pedagogicamente absurda não só a indicação de autores e livros como a distribuição da matéria feita de acordo com os livros a serem lidos (itens 2,3,4).

Com relação aos itens 4 e 5, a proposta está alienada da realidade brasileira. Ao indicar a leitura, no Básico, de Obras de Platão, Aristóteles e outros. É ainda irreal a recomendação de leitura da literatura clássica, grega e latina, no original, quando se sabe que a matéria, Língua Clássica, se desenvolverá em apenas 60 horas-aula.

Quanto às recomendações do item 6, relativas à Lingüística revelam, no mínimo, desconhecimento das especificidades da matéria.

Com relação ao item 10, que se refere à Filologia Geral e Crítica Textual, já comentamos a respeito de sua impossibilidade de aplicação diante da precariedade das bibliotecas no país.

### III — RECOMENDAÇÕES GERAIS

Parecem-nos plenamente dispensáveis neste documento. São recomendações metodológicas simplistas e óbvias, e versam sobre matéria que deve ser de competência dos Departamentos e dos professores das diversas áreas.

### IV — DIPLOMAS E CRÉDITOS

Já comentamos a respeito das habilitações propostas pelo documento. A nosso ver e levando em consideração entre outros fatores, o próprio mercado de trabalho, as habilitações, poderiam ser

- a — Português e Literaturas de Língua Portuguesa,
- b — Português e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Clássica com as respectivas Literaturas,
- c — Português e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna e respectivas Literaturas com relação à Licenciatura.

A carga horária da licenciatura "a" seriam acrescentadas as matérias necessárias e complementares, com carga horária também fixada, para a obtenção das licenciaturas "b" e "c".

Com relação ao bacharelado (aliás não mencionado nesta parte do documento) poderia ainda constar a habilitação em Linguística.

Há ainda a comentar com relação a este item a exigüidade do tempo proposto para que entre em vigor a reformulação de currículo.

### QUADRO I — RESUMO DA ESTRUTURA CURRICULAR

Este quadro apresenta-se confuso e de difícil leitura (ver p. ex. item 1.1 carga horária mínima de todas as habilitações — 290; carga horária complementar para a habilitação de Língua Portuguesa = 300; carga horária básica + complementar = 2.195 (?)).

Fica patente, no entanto, que para a habilitação em Língua Estrangeira moderna, a carga horária obrigatória em Língua Portuguesa é de apenas 290 horas-aula ou seja pouco mais de 10% do total de horas do currículo mínimo. Considerando a afirmação de que “a finalidade fundamental do Curso de Letras é o ensino da Língua Portuguesa revela, de imediato, assombrosa contradição. afirmações contidas no documento e as concretizações da proposta curricular.

De uma maneira geral, feitas as ressalvas com relação à Literatura Portuguesa não constar entre as matérias obrigatórias, e Filologia Geral e Crítica Textual encontrarem-se nesse elenco, as matérias constantes não só do elenco das obrigatórias como daquelas das optativas são inegavelmente, relevantes. Neste sentido, a inclusão de Literatura Hispano-Americana apresenta-se como benéfica, uma vez que poderá promover uma investigação dos pontos comuns e divergentes das várias literaturas hispânicas do continente, comparando-as com a brasileira, em busca, da definição de nossos próprios critérios de análise.

### QUADROS II e III

O exame dos quadros II e III, que constituem um exemplo de currículo pleno para Licenciatura em Português e Literaturas de Língua Portuguesa revela, de imediato, assombrosa contradição. Enquanto propõe 4 semestres de Língua Estrangeira e mais 4 semestres de Língua e Literatura Estrangeira (perfazendo 8 semestres, ou seja, o mesmo número de semestres reservados para a Língua Portuguesa), estabelece apenas dois semestres de Literatura Portuguesa.

Com relação ao número de semestres (não sabemos quanto à carga horária de cada disciplina porque não vem indicada) de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Lingüística, Teoria da Literatura, Evolução da Literatura e Literatura Comparada, Língua Latina, Cultura Brasileira, Cultura Ibérica, Sociologia, Filosofia e disciplinas pedagógicas, parece-nos adequado. Não vemos, porém, neste esquema, espaço suficiente para matérias de interesse regional ou da Instituição tais como, Literatura Cearense, Literatura Infantil, Literatura Oral e Tradicional, entre outras, além de outras, mais ágeis, de menor carga para assuntos de atualização literária ou lingüística.

Sugerimos, também, a revogação das disciplinas Prática de Educação Física, ministrada de maneira inadequada e inócua, e de Estudos de Problemas Brasileiros, substituindo-a por Cultura Brasileira.

#### A SITUAÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA

Levante-se aqui tópico especial. Pretende-se eliminar, no projeto, a obrigatoriedade do estudo da Literatura Portuguesa do Currículo de Letras em nosso país, numa época em que se ecumenizam crescentemente a pesquisa e o conhecimento das Literaturas de Língua Portuguesa, não só aqui, em Portugal e nas nações em que se fala a nossa Língua, como também nas universidades européias e americanas sobretudo, é de considerar-se, no mínimo, surpreendente e intempestivo.

Face à solidez de uma tradição realisticamente enraizada numa comunidade lingüístico-literária autêntica e natural, o injusticável intento mais parece trescalar a nacionalismo cultural anacrônico, quando não a complexo colonial tardio, que mais não passariam, no caso, de uma forma refinadamente dissimulada de barbarismo educacional.

Não compreendemos como no referido projeto se afirme que "a Literatura é uma grande continuidade e uma grande contigüidade", o que é uma verdade, e não se reconheça na prática que as Literaturas Portuguesa e Brasileira são uma em relação à outra a mais próxima continuidade e a mais íntima contigüidade.

É inegável que a cultura brasileira está estreitamente ligada à portuguesa a partir da língua, imagem legítima dos dois povos que a falam, diferenciada essa língua no Brasil e em Portugal apenas pela especificidade da linguagem. Um modo de aprofundar as diferenças lingüístico-literário-culturais é, a nosso ver, através do estudo das identidades.

Não se pode ignorar a influência da Literatura Portuguesa na Brasileira do Classicismo ao Simbolismo, embora com o nome influência não se queira indicar superioridade estética, pois que, na verdade, muitos escritores brasileiros dessa faixa cronológico-estética se apresentam artisticamente superiores aos portugueses. Não se deve esquecer a influência de um Fernando Pessoa na poesia brasileira a partir da segunda geração modernista. E, conquanto o romance brasileiro de 1930 haja influência do poderosamente o Neo-Realismo português, acreditamos que permanece no Modernismo Luso-Brasileiro (encarado em suas várias fases) uma recíproca e diluída influência, trazida mais por um relacionamento fecundo entre escritores brasileiros e portugueses, isso sem colocar-se em jogo a independência literária dos autores de um e de outro país.

Contra essa atitude, considere-se, ainda, a circunstância de que a opção estabelecida para a disciplina importaria praticamente na sua extinção, não por falta de interesse do aluno, mas pelo seu imediatismo na conquista do diploma (deveremos ser, quanto possível, realistas).

Somos daqueles que condenam a aplicação mal assimilada da experiência americana ao ensino brasileiro. Mas já que tem sido vezo dos copiadores esta atitude, caberia aproveitar o que, no caso, possa ocorrer de benefício. E a lição americana, no plano das letras, é a da aprendizagem sistemática da literatura inglesa. Não se compreenderia ali a existência de um aluno de nível superior sem o conhecimento sólido de autores como Shakespeare, Byron, Dickens, Shaw e outros.

Assim, consignamos a nossa estranheza quanto à inclusão da Literatura Portuguesa como disciplina optativa no Curso de Letras. Pondere-se ainda que esse estudo inclui, embora incipientemente, a Literatura Africana de Expressão Portuguesa talvez modernamente mais identificável com a nossa, no seu aspecto sócio-econômico.

### PROJETO DE RESOLUÇÃO

Omitimos comentários às habilitações propostas porque já foram emitidos anteriormente. É, porém ainda estranhável que, apesar de resolver no Art. 3.º "parágrafo segundo que as matérias optativas profissionalizantes serão diversificadas, de acordo com a especificidade de cada habilitação", indica apenas um elenco de matérias optativas conforme se vê no Art. 5.º.

Acreditamos, outrossim, ser de competência de cada Instituição, a fixação de carga horária das disciplinas do Currículo Mínimo,

cabendo ao CFE, a determinação da carga horária mínima total, diferentemente do que dispõe o Artigo 8.º.

A questão mais grave que ressalta na análise deste documento não é a de desatender a algumas áreas específica (Literatura Portuguesa deixar de ser obrigatória), ou a de imiscuir-se em questões metodológicas pertinentes aos Departamentos (tais como inclusão de livros), ou a de revelar-se inconsistente ao apregoar valores e critérios (na introdução), que não se concretizam na proposta curricular, mas é a de não se apresentar, no todo, como uma estrutura equilibrada, em que transpareçam objetivos e critérios precisos, coerência interna e coerência externa (ou seja, entre a proposta e as reais condições e necessidades da conjuntura nacional), decorrentes de um pensamento pedagógico bem definido.

Além do mais, exorbitando seus naturais limites, em uma época em que se evidencia a necessidade de maior autonomia das universidades, esta proposta curricular funciona como uma arbitrariedade niveladora, desvinculada das peculiaridades de cada região e dos objetivos das diversas universidades.

Admitamos o pressuposto — verificado não só através da vivência dos docentes dos Cursos de Letras do país como mesmo através de pesquisas formais — de que é necessário reformular o ensino de Letras e dentro do contexto do ensino, o próprio currículo. A partir desse pressuposto, uma dúvida essencial se levanta com relação ao projeto de currículo em exame e que pode ser resumida em uma indagação: as modificações propostas atendem à superação das carências verificadas nos currículos anteriores?

A nosso ver, havia que primeiro verificar os pontos falhos do currículo em vigor, através do exame de sua adequação ou inadequação à preparação do tipo de profissional que os Cursos de Letras pretendem formar e a partir de critérios bem definidos que estabelecessem as qualificações necessárias à formação desse profissional, em seguida, processar-se-ia a elaboração do novo currículo.

Acreditamos, pois, que por parte do CFE, estratégia mais justa e democrática teria sido:

- a — consultar os Departamentos interessados sobre a necessidade de reformulação do currículo em vigor;
- b — solicitar sugestões para a elaboração de um novo currículo;
- c — com base nas sugestões, elaborar proposta curricular e submetê-la à apreciação dos mesmos Departamentos.

Embora não tenha percorrido este caminho ideal, ainda assim, acreditamos que este Projeto de Currículo Mínimo de Letras, ao ser enviado aos Departamentos para apreciação, está propiciando

um fértil debate sobre a questão que, certamente, concretizar-se-á em relevantes contribuições para exame desse Conselho.

Na nossa opinião, as diretrizes básicas para a elaboração do currículo de Letras deveriam atender à formação do profissional de Letras:

- crítica criativa e com conhecimento dos problemas nacionais e disposição para enfrentá-los;
- consciente do seu papel social,
- apto a um bom desempenho em sua área profissional o que implica em adequada preparação literária, lingüística e pedagógica.

O modelo de currículo que viabilizasse esta formação seria:

- *dinâmico*: o currículo ofereceria maiores oportunidades de atualização e de diversificação das disciplinas se tivesse mecanismos de renovação "desburocratizados." Por exemplo, poderiam ser criadas disciplinas de poucos créditos que abordassem questões polêmicas, de atualidade ou de especialização;

- *preponderantemente crítico e criativo*: ao privilegiar a elaboração do conhecimento e a análise crítica da realidade nacional, o currículo estaria preparando profissionais capazes de promover mudanças nessa realidade. É essencial a inclusão da disciplina Cultura Brasileira, já mencionada, para atender à necessidade de um conhecimento integratório de Literatura Brasileira com as outras manifestações culturais do Brasil;

- *prospectivo*: a inclusão de disciplinas ou atividades de investigação que busquem soluções ou possibilidades futuras seria também de grande relevância na formação de profissionais aptos a superar dificuldades de educação no Brasil. Os alunos poderiam, por exemplo, ser envolvidos em pesquisas sobre o ensino de 1.º e 2.º graus ou em investigações no campo da Lingüística, no da Literatura Cearense, no da Literatura Oral e Tradicional Brasileira.

- *flexível*: um conjunto adequado de disciplinas optativas comporia a estagnação provocada por uma formação "monobloco".

- *integrado*: a integração entre disciplinas de um mesmo Departamento ou de departamentos diferentes, poderia enriquecer a formação do licenciado ou bacharel em Letras, além de racionalizá-la.

zã-la melhor, evitando repetiçõs e omissõs. Esta integraçãõ po-  
deria dar-se entre disciplinas de formaçãõ literãria, entre Prãticas  
de Ensino, entre disciplinas acadêmicas e pedagõgicas.

Evidentemente, sabemos que a simples reformulaçãõ de um  
currículo nãõ implica em reformulaçãõ do ensino. Há que se con-  
siderar, ainda, a modificaçãõ de programas e de métodos, a rees-  
truturaçãõ de bibliotecas e mais que tudo a vontade dos sujeitos da  
aprendizagem — professor e aluno — que somente conscientes  
dessa necessidade de mudançã e envolvidos no seu processo, po-  
dem concretizã-la.

Fortaleza, 9 de maio de 1983

### O Passarinho Carrancudo \*

Linhares Filho

Aceitei com muito prazer o convite para apresentar a segun-  
da ediçãõ de *O Passarinho Carrancudo*, que tem a paternidade do  
poeta irmãõ Horãcio Dídimo. Nesta festa de sãbia inocência que  
a Livrãria Carochinha promove para as "criançã de todas as ida-  
des" precisamente numa quadra em que o rescaldo das fogueiras  
nos esquentam, os mais velhos revivemos os folguedos da infãn-  
cia entre fogos de artifício, à luz da fogueira de Sãõ Joãõ, o santo  
que preparou os caminhos do Senhor, assim como Horãcio Dídimo,  
qual novo precursor, com o seu livro luminoso, prepara com a  
fantasia poética, cheia de uma latente mensagem de fé, esperançã  
e amor, o futuro dos nossos meninos, que deverãõ ser pessoas hu-  
manas integrais. Permitiu que eu ressuscite neste instante o meni-  
no de Lavras da Mangabeira que existe em mim, que sobreviveu a  
todos os naufrãgios, e me sintã repousado ao colo de minha mãe,  
ao braço de meu pai, ao braço de minha ama-preta ou colocado  
sob a vigilãncia de minha tia, ouvindo de cada um estórias da  
Carochinha ou de Trancoso, estórias que "eram uma vez", mas  
que nãõ se foram de todo, porque me ajudaram a formar a perso-  
nalidade de homem e de poeta, de cidadãõ e de sonhador.

O que aqui vim fazer foi testemunhar e bendizer o segundo  
võõ desse Passarinho que saiu à imagem e semelhança do seu cria-

\* Palãvras proferidas por ocasiãõ do lançãmento desse livro de Horãcio Dídimo.

dor: exteriormente, com um olho aberto e outro fechado como quem filtra as ocorrências circunstantes e a luz, para tê-los bem abertos para a claridade interior, cheios de uma disponibilidade para a inspiração ou a Graça.

Passarinho que também se assemelha ao artista que lhe deu forma pelo permanente entreabrir do canto, a exigir do ouvinte que lhe complete criativamente as notas de umas apenas iniciadas melodias, mas cuja complementação se orienta de modo justo pelas sugestões essenciais das frases. Passarinho que se compara ainda ao seu inventor por certa comicidade sem azedume e sem malícia, mas bondosa e alegre, de tal forma que a qualidade de carrancudo que se lhe atribui é ironicamente a de uma alma doce como a daquele "bicho feio" que, apesar de ter "olhos de cabra-cega-dondevem" e "pernas pra-que-te-queiro", era um "bicho até bonzinho", ou como aquele dragão que trauteava suavemente umas notas e "usava até um laço de fita na cabeça".

O que o cristão e poeta Horácio Dídimo faz é viver na vida e na obra o ensinamento de Cristo: "Em verdade vos declaro, se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus." (Mateus. 18, 3-4). Por isso, reflete sabiamente, com a sabedoria que lhe insufla o Espírito Santo e que nos transmitiu através da meditação "As Harmonias do Pai-Nosso", a candura, a simplicidade, a inocência, a humildade das crianças, ele que é Professor Pós-Graduado de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará. A pregação de Horácio Dídimo com o seu *O Passarinho Carrancudo* lembra a mensagem de Eça de Queirós num texto que espelha o franciscanismo deste, "São Cristóvão", escrito em que, segundo a lenda, sendo aquele gigante um homem simples, na primeira vez que entrou numa igreja, se afeiçoou à figura do Espírito Santo devido a este se representar por uma simples pombinha, elemento da natureza, daquela natureza a que tão fortemente se ligava o santo.

Com simplicidade de linguagem, como convém acontecer num texto de Literatura Infantil, Horácio Dídimo vai sugerindo mensagens morais, educando o gosto literário do pequeno leitor, recreando o espírito infantil e exigindo deste a recriação do que propõe. Vários processos líricos são usados pelo poeta como sinestésias, jogos de palavras, metáforas, símbolos, eufemismos, enálages, que, quando menos, podem permanecer subliminarmente no educando para posteriores utilizações por parte deste na escrita. O cômico, a que já me referi, envolve em modalidade e doses convenientes grande parte dos textos e equilibra-se com o traço de lirismo adequado. O ilogismo, às vezes embalador pelo encantatório e pelo ritmo como se encontra em "o momento", comparece ao livro com as características das cantigas de roda e lembrando às

vezes em sua imagística traços de uma realidade medievalesca, o que se acha acorde com os arquétipos ou fundamentos psicoculturais que nos levam à infância da Cultura Ocidental. Assim, o espírito infantil pode viver num clima de felicidade e aventura, de idealismo e inocência, própria do Medievalismo. Mas o poeta em sua mensagem atualiza-se também, sugerindo até a crítica social como em "os gigantes":

os gigantes vão perdendo as forças  
quando não conseguem prender nossa atenção  
lá se vão eles  
anõezinhos enormes  
mendigando olho por olho  
dente por dente

Suscita-se, inclusive, que os verdadeiros gigantes são os de espírito bondoso.

Prega o autor, entre outras coisas, que "suave é o amor"; que importante é o otimismo ("o nosso momento é verde/ como as cantigas do mar") e preconiza a "redescoberta do amor".

Uma das maiores lições é a que ensina a superação do egoísmo:

se o sol fosse meu  
trancado no guarda-roupa  
debaixo de sete chaves  
de nada me serviria.

Porque o sol brilha para todos, "de repente as folhas verdes e as árvores tranqüilas".

Bem sabe Horácio aproveitar a compreensão cristã de que, sendo o seguidor de Cristo um fermento, sal da terra e luz do mundo, não se deve trancar, mas tornar-se fecundo como o sol, transmitindo luzes aos circunstantes.

Complementando o sentido desse poema, destaque-se "O sol existe":

ainda que seja noite  
o sol existe  
por cima de pau e pedra  
nuvens e tempestades  
cobras e lagartos  
o sol existe  
ainda que tranquem o nosso quarto  
e apaguem a luz  
o sol existe.

Ao lado da verdade fenomenológica que aí se encontra, vê-se que esse sol pode tornar-se simbólico, metafísico e tanto pode ser, nesse clima de desafio lúcido, o das plausíveis crenças sociais, como pode ser o de uma felicidade íntima e legítima ou o próprio Deus, ou qualquer convicção interior muito forte, inabalável, poética.

Parabéns, poeta e amigo Horácio Dídimo e que um "sol maior" brilhe intensamente, como uma grande esperança e como um tempo de chuva, no coração e na mente dos seus jovens leitores.

# REVISTA DE LETRAS

Volume 6 N.º 1/2

jan./ dez./ 1983

## SUMÁRIO

MILTON	
Artur Eduardo Benevides .....	1 — 2
SAUDAÇÃO A RACHEL DE QUEIROZ	
Carlos d'Alge .....	3 — 8
CRONOLOGIA VOCABULAR DA LÍNGUA PORTUGUESA	
José Alves Fernandes .....	9 — 20
LUTERO NO DIÁLOGO ECUMÊNICO DA IGREJA - HOJE	
D. Aloísio Lorscheider .....	21 — 28
VISÃO POLÍTICA DE GOETHE	
Horts Nitschak .....	29 — 41
CANUDOS Y OTRAS HISTORIAS NORDESTINAS	
Antonio Maura .....	43 — 62
O MÍSTICO E O SOCIAL NO "SÃO CRISTÓVÃO" DE EÇA DE QUEIROZ	
Linhares Filho .....	63 — 82
EL CANTE FLAMENCO	
Pedro Plasencia .....	83 — 100
MACUNAÍMA, A VOLTA AO NATIVISMO	
Otacílio Colares .....	101 — 112
A METÁFORA DA ÁGUA EM JOÃO CABRAL	
Batista de Lima .....	113 — 120
ARTUR EDUARDO BENEVIDES: O POETA E A DIVERSIDADE DE EXPRESSÃO LÍRICA	
Teoberto Landim .....	121 — 134
AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM E DA LITERATURA	
Horácio Dídimo .....	135 — 138
RECENSÕES .....	139 — 154
DOCUMENTOS .....	158 — 167

Rev. de Letras	Fortaleza	v.6	n.1/2	p. 167	1983
----------------	-----------	-----	-------	--------	------